

O DESENHO INFANTIL COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

CHILDREN'S DRAWINGS AS A PSYCHOTHERAPEUTIC RESOURCE FROM A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Wanderlane do Nascimento Cardoso¹, Ana Paula Vedovato Marques de Oliveira²

RESUMO

O desenho infantil é um recurso utilizado no atendimento de crianças em psicoterapia com orientação psicanalítica, ele permite múltiplas formas de comunicação e de expressão de conteúdos inconscientes. Com o objetivo de verificar a relevância do desenho infantil como um artifício que venha auxiliar a criança no desenvolvimento psíquico e emocional, este estudo realizou uma revisão de literatura buscando elucidar como o desenho infantil pode ser um recurso significativo no tratamento psicoterapêutico relevante na prática clínica. Os resultados da revisão destacaram que a utilização do desenho infantil na clínica psicanalítica possibilita a criança se tornar um sujeito ativo no seu processo psicoterapêutico, e um instrumento que permite ao terapeuta conduzir suas intervenções, interpretações, o diálogo e a escuta, de maneira significativa.

Palavras-chave: Desenho infantil. Recurso psicoterapêutico. Inconsciente.

ABSTRACT

Children's drawings are a resource used in psychoanalytically oriented psychotherapy with children, allowing multiple forms of communication and expression of unconscious content. With the aim of verifying the relevance of children's drawings as an artifice that can help children in their psychic and emotional development, this study carried out a literature review seeking to elucidate how children's drawings can be a significant resource in psychotherapeutic treatment relevant to clinical practice. The results of the review highlighted that the use of children's drawings in the psychoanalytic clinic enables the child to become an active subject in their psychotherapeutic process, and an instrument that allows the therapist to conduct their interventions, interpretations, dialog and listening in a meaningful way.

Keywords: Children's drawing. Psychotherapeutic resource. Unconscious

¹ Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Nobre (UNIFAN), Feira de Santana, Bahia, Brasil.

² Docente do Centro Universitário Nobre (UNIFAN), Feira de Santana, Bahia, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise sobre como o desenho infantil pode contribuir para o atendimento psicoterapêutico, funcionando como instrumento eficaz de acessar os conteúdos do inconsciente. Este recurso permite que as crianças externalizem seus conflitos internos, seus sentimentos e emoções que, muitas vezes, não conseguem verbalizar, proporcionando ao psicoterapeuta uma compreensão mais próxima dos processos psicológicos da criança.

Ao longo do tempo, o desenho foi utilizado como forma de representação da arte que utiliza linhas, formas e cores, além de ser uma forma de comunicação carregada de informações explícitas e implícitas, permitindo uma comunicação multifacetada. Compreende-se que, além da representação gráfica, o desenho traz consigo a expressão de sentimentos e emoções, tornando-se essencial para representar a saúde emocional da criança e para a articulação de sentimentos não verbalizados¹.

O desenho infantil é visto como uma atividade recreativa inserido no seu contexto escolar, assim como as brincadeiras e os jogos. Esses, contribuem para o processo de formação da representação simbólica, desenvolvimento cognitivo, habilidade de comunicação e expressão emocional, trazendo contribuições significativas para a construção do sistema de escrita, assim como uma melhor compreensão do seu entorno e das diferentes formas de representação simbólica. Boa parte das crianças na primeira infância se debruçam sobre a prática do desenhar, e os professores tiram partido deste entusiasmo, acreditando que essa prática é uma parte importante do desenvolvimento humano².

Sabemos que o desenvolvimento humano se dá ao longo de todo o ciclo de vida do indivíduo, abrangendo mudanças físicas, cognitivas, psicológicas e sociais. Especificamente, o desenvolvimento cerebral de crianças de 6 a 11 anos de idade se dá de forma rápida e acontece nas áreas da linguagem, nas relações espaciais e no pensamento associativo. E nesse período, caracterizado por uma expansão do pensamento simbólico ou representações mentais³.

O período pré-operatório é uma fase do desenvolvimento cognitivo que ocorre de dois a sete anos, período marcado pelo aumento significativo no uso do

pensamento simbólico. Embora a inteligência já consiga empregar símbolos e signos, ainda lhe falta a reversibilidade, ou seja, a capacidade de pensar simultaneamente o estado inicial e o estado final de alguma transformação efetuada sobre os objetos⁴.

Iniciar um tratamento psicoterapêutico, é atravessar as dores e angústias. Quando nos referimos ao papel do psicólogo, é preciso compreender que este é um mediador desse processo, ou seja, o possibilitará dar um novo sentido ao que permaneceu oculto. Caso ocorra alguma dificuldade da criança na utilização da fala e da expressão dos sentimentos, o psicólogo deve conduzir a sessão adaptada para que a comunicação e o laço terapêutico se estabeleçam.

Segundo Dolto⁵, “Em nenhum momento você tem que indicar à criança o que ela deve fazer! É permitido dizer tudo, mas não fazer tudo. E dizer significa se exprimir. Uma criança entende muito bem quando lhe dizemos: “Você pode dizer com palavras, modelagem ou desenhos”. Mas, isso é apenas um meio de exprimir as próprias fantasias de um modo diferente. Ela está ali para se comunicar com você a respeito do problema dela.”

Assim, o desenho é um dos recursos que possibilita um diálogo com diversos benefícios para uma avaliação e intervenção, ou seja, num processo psicoterapêutico cabe possibilitar à criança a representação do que quer dizer por meio de recursos que não seja a palavra. Moreira⁶ argumenta que: “o desenho é tão inerente à criança quanto o gesto e a fala, sendo um meio pelo qual a criança “fala”, registra narrativas e afirmar sua presença no mundo.”

A partir da metáfora plástica nascida do encontro do pré-consciente do terapeuta e da criança, reabilita-se o sentido inconsciente da produção contida na representação que, no mundo infantil, não pode ser vinculada à palavra. Observando estas vivências terapêuticas e ligando-as com as influências ambientais e com os processos hereditários de maturação, acabará por firma-se uma área intermediária entre o mundo externo e interno, sendo de grande importância para a vida da criança hoje e posteriormente amanhã, quando adulto⁷.

Uma criança exprime por gestos, posturas, desenho, modelagem ou música a

imagem interior de sua fantasia. Todo ser humano simboliza por fantasias auditivas, gustativas, olfativas, táteis e visuais. Mas pode exprimi-las por meios que não sejam a palavra. É o que, aliás, fazem os bebês⁵.

A compreensão de que podemos exprimir sentimentos não só por palavras perpassa por todas as leituras realizadas. A atividade lúdica, a brincadeira, o desenho ou o jogo é um simbolismo, em que a criança apresenta o objeto de seu interesse e de sua função, atuando com ele no imaginário. Os estudos agregam que o desenho infantil é uma prática que possibilita o processo de significação por envolver a flexibilidade na compreensão dos objetos e de suas relações. Ele possibilita à criança passar de ações concretas com objetos para ações com outros significados, favorecendo avançar no seu pensamento abstrato.

Tendo em vista as discussões apresentadas e embasadas nos teóricos psicanalistas e seus estudiosos da área, é que possibilitará a construção e socialização do referencial teórico, visando produzir uma análise sobre a importância do desenho infantil e seu impacto na clínica psicanalítica. Nesse contexto, o principal objetivo deste trabalho é verificar qual a relevância do desenho infantil como recurso que venha auxiliar a manifestação da voz da criança na construção de sua identidade, melhorar as relações interpessoais e promover o desenvolvimento psíquico e emocional.

METODOLOGIA

Este estudo consiste num estudo bibliográfico, uma vez que essa abordagem possibilita construir conhecimento sobre o tema pesquisado, compreendendo as teorias e conceitos que já foram construídos. Além disso, possibilita identificar o que se tem de discussão, além de justificar a pertinência da pesquisa.

Para Gil⁸, “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

A pesquisa não se trata apenas de uma reprodução do conhecimento socialmente acumulado, mas sim de uma investigação planejada. Com base nessa metodologia, foi realizado o levantamento de dados visando entender qual é o impacto do desenho infantil no processo psicoterapêutico com orientação psicanalítica.

Os passos metodológicos consistem em planejar e sistematizar a busca de fontes de dados. Inicialmente a pesquisa foi submetida a alguns critérios, como eixo de discussão entre o desenho infantil, a psicanálise, recurso psicoterapêutico, idioma português e com intervalo de publicação dos últimos 05 anos. A pergunta da pesquisa possibilitou a delimitação da pesquisa de palavras-chave como “desenho infantil”, “psicanálise” e “recurso psicoterapêutico”.

No entanto, a restrição do período de publicação dos últimos 5 anos, mostrou-se muito limitante, levando a necessidade de ampliar os critérios de inclusão. Desta forma, a pesquisa exploratória não mais restringiu o período de publicação, incluindo artigos que estivessem contemplando os eixos da discussão acima.

A pesquisa configurou-se na revisão de literatura de natureza narrativa, a partir de material já elaborado e disponibilizados nos sites oficiais do meio acadêmico como Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, Periódicos Eletrônicos em Psicologia - PEPSIC, Biblioteca Virtual em Saúde - BVS Brasil, Scientific Electronic Library Online Brasil – Scielo, National Library of Medicine – PubMed e Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação - LILACS durante o mês de fevereiro e março. Utilizou-se de operadores booleanos de adição (AND) com esses descritores: “desenho infantil AND recurso psicoterapêutico” e “desenho infantil AND Psicanálise”.

Durante esse período, a pesquisa desenvolveu-se em três etapas: a coleta de dados, a análise e interpretação deles e a escrita do artigo científico. Nos portais de busca on-line, identificamos 13 publicações nas bases de dados, sendo 01 tese de doutorado, 02 artigos na BVS, 01 na Scielo, 00 na PubMed, 03 na Pepsic, 05 no Capes e 01 no Lilacs.

De um total de 13 artigos foram selecionados 09 para a leitura na íntegra, sendo excluídos os que não atendiam à perspectiva do desenho infantil como recurso psicoterapêutico, a maioria dos artigos foram publicados entre o ano de 2006 a 2022 no Brasil e sobretudo na Região Sudeste, destes apenas um de Portugal. Mas, para além desses artigos, foram utilizadas obras clássicas e autores renomados como Freud, Piaget, Winnicott e Dolto que fundamentaram essa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a leitura dos nove artigos selecionados para a revisão, elaborou-se um quadro ilustrativo, no qual será possível verificar e comparar as principais

informações. A maioria dos artigos apresenta a ideia de que o desenho infantil é um recurso importante no processo psicoterapêutico, porque possibilita ao psicoterapeuta acessar como a criança vai simbolizando seus traumas, seus conflitos internos e a sua maneira de enxergar o mundo através do desenho infantil.

Tabela 1. Artigos utilizados na pesquisa

Autor/Ano	Local de análise	Objetivos e principais resultados
1-Scaduto, A. A. (2013)	Ribeirão Preto	Apresentar a obra O desenho infantil: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional. Como resultado apresenta o desenho infantil como estratégia de avaliação.
2-Souza, A. S. L. (2011)	São Paulo	Apresentar os elementos expressivos do desenho na interpretação das técnicas projetivas gráficas. Como resultado ressalta a produção gráfica como resultado de um trabalho psíquico e preparo do clínico na integração dos dados obtidos.
3- Motta, C. R., Silva, L. R. & Castro, H. (2010)	Bahia	Apresentar questões emergentes na psicanálise da criança utilizando instrumentos mediadores do processo. Como resultado ressalta que, o processo de análise mobiliza a todos os envolvidos e ajuda a criança a criar laços e saber quem quer ser quando crescer.
4-Rosa, H. R., Tardivo, L. S. L. P. C., Junior, A. A. P., Silva, M. A. & Avoglia, H. R. C. (2020)	São Paulo	Apresentar uma aproximação entre a clínica psicanalítica e a pesquisa acadêmica no que se refere a Avaliação Psicológica. Reitera a importância de pesquisas.
5-Oliveira, E. & Grubits, S. (2020)	Campo Grande - MS	Apresentar uma nova teoria sobre o desenho infantil, denominada como Perspectiva Dinâmica e Estética. Compreender-se que existe nessa nova abordagem uma integração funcional de aspectos biológicos, psicológicos e sociais na descrição de um processo fluido na evolução do desenho.
6-Hermes, A. I. & Silva, J. C. (2017)	Santa Cruz do Sul	Apresentar um estudo teórico-prático sobre o desenho infantil, sob o olhar psicanalítico. Entende-se que a criança apresenta alertas através de seus registros, e que o desenho é importante conteúdo que se encontra no inconsciente da criança.
7-Fernandes, B. S. (2006)	São Paulo	Apresentar o funcionamento de um grupo infantil, que utiliza a linguagem do desenho em psicoterapia. Conclui-se que o desenho é um recurso inestimável para o desenvolvimento e crescimento emocional das crianças.
8-Silva, N. M. V. & Vasconcelos, A. N. (2013)	Maceió	Apresentar uma análise da emergência do self dialógico que o destacasse constituído linguagem. Defende-se que, a regulação entre a fala e a ação anunciou o desenho como extensão do self.
9-Mendes, S. S., Jorge, J. C., Ribeiro, M. C., Tomás, E. & Temudo, T. (2022)	Portugal	Apresentar a semelhança da linguagem verbal, do jogo e do desenho como uma manifestação semiótica da criança enquanto meio de significação da realidade.

O DESENHO INFANTIL

As discussões sobre o desenho infantil foram amplamente ressaltadas em todos os artigos analisados. Em particular, seis desses artigos não apenas abordam o desenho infantil, mas também fizeram referências à clínica psicanalítica e alguns à prática clínica. Isso sugere uma intersecção significativa entre o campo do desenho infantil e as abordagens clínicas, especialmente na psicanálise.

Descrever sobre o desenho, é considerar que ele sempre surgiu como uma forma de comunicação e de registros, que sempre se configurou como uma forma de expressão desde o período da pré-história. Para as crianças, o ato de desenhar é a primeira representação gráfica.

Segundo Mendes et al.⁹ "... a criança traduz no desenho o modo como se vê e como encara o seu papel no seio social e familiar, bem como as relações que estabelece. Por expressar o mundo interno da criança, o desenho é considerado um local de projeção privilegiado."

Desenhar é uma atividade manual e um ato universal, que podemos considerar como espontâneo, ancestral e permanente de comunicação. Na infância, vem carregado de representação mental, de expressão e comunicação e perpassa por diferentes classes sociais e culturais. Existem quatro estágios de desenho: Realismo Casual, Realismo Perdido, Realismo Intelectual e Realismo Visual¹⁰.

Para Bombonato e Farago¹⁰ a prática do grafismo na infância se configura como uma trajetória evolutiva que surge

espontaneamente, mas que é possível a interferência de um adulto. O desenhar passa de uma simples atividade motora e alegre até chegar ao desenho real como uma forma de representar, e que a criança se preocupa com o fazer, na experiência, na alegria e muitas vezes desenha para se divertir.

Em três dos artigos estudados destacam-se que o desenho infantil ganhou destaque na Psicologia no século passado, quando foi utilizado como instrumento de pesquisa sobre a personalidade e para avaliação cognitiva. Em 1926, Goodenough argumenta o uso do desenho para avaliar a maturidade intelectual da criança. Na teoria psicodinâmica surgem os testes projetivos que permitiram avaliar traços de personalidade e perturbações emocionais com desenhos de figuras humanas⁹.

Um dos artigos, Souza¹¹ propõe que o desenho deve ser considerado não como um “teste”, mas como uma forma possível de conversar com as crianças, uma vez que a produção gráfica da criança, assim como a produção onírica, é, antes de tudo resultado de um trabalho psíquico e, portanto, só será possível alcançar um sentido se este for inserido em um diálogo e uma certa postura de escuta.

Na maior parte dos artigos evidencia que o desenho é uma atividade com diferentes contextos e significados, que contribui de maneira relevante para o desenvolvimento infantil. Ele não só possibilita o crescimento emocional e cognitivo, mas também fortalece as relações interpessoais, tornando-se um recurso essencial no processo de evolução do indivíduo. Ao incentivar o desenho, pais, educadores e profissionais de saúde mental podem auxiliar as crianças a desenvolverem habilidades essenciais para o seu amadurecimento.

Jean Piaget faz contribuições significativas para a compreensão do desenvolvimento infantil, incluindo o papel do desenho na manifestação semiótica.

Para Piaget¹² ... a imagem pode, tal como a linguagem interior, constituir o esboço de novas exteriorizações: a imagem desdobra-se de novo, por vezes, em imitação (e em imitação tanto das coisas como das pessoas), no desenho e nas técnicas plásticas, nos ritmos e sons, nas danças e ritos, na própria linguagem onde, sob a forma de “linguagem afetiva”, descoberta e analisada por BALLY, a expressividade se revigora nas fontes da imagem e do símbolo.

Diante de todas as discussões acerca do desenho, fica explícito que ele é um recurso gráfico que vai além da fala, e a psicanálise foi responsável por descobrir o conteúdo simbólico através do desenho e do sonho. O desenhar é uma forma de comunicação no qual as crianças representam e processam os seus pensamentos, sentimentos, desejos, dores e angústias que vai além da linguagem verbal. Assim, o desenhar perpassa de uma atividade lúdica e se concretiza num ato de socialização permitindo que as crianças compartilhem suas ideias e experiências com os outros.

A PSICANÁLISE E O DESENHO COMO RECURSO TERAPÊUTICO

De forma mais aprofundada nos artigos analisados, o desenho infantil tem seu espaço de relevância como recurso psicoterapêutico na abordagem psicanalítica. Ele é um caminho que permite adentrar o mundo infantil, ou seja, é como uma linguagem que se constitui como um instrumento do conhecimento que pode expressar sentimentos e pensamentos. Além de ser um recurso lúdico, tem a função de ser referencial no processo psíquico, é um meio de representar o simbólico e de apropriação das experiências¹³.

As impressões conceituais sobre o desenho infantil como um recurso na psicanálise infantil, presente nas pesquisas, foram ressaltadas pelos psicanalistas Freud¹⁴ e Dolto⁵. Freud, em seus estudos sobre a interpretação dos sonhos e o inconsciente, destacou que a forma imagética é carregada de simbolismo e expressa os desejos do inconsciente. Ele não trabalhou diretamente com o desenho infantil, mas seus conceitos teóricos sobre o simbolismo e o inconsciente se aplicam aos desenhos das crianças de maneira semelhante à análise dos sonhos. Souza¹¹, ressalta que é relevante considerar que algumas formas de expressão lúdica e artística é uma representação do inconsciente.

Já Dolto⁵ discorre que, a psicanálise é a comunicação por todos os meios, então o atendimento psicanalítico infantil pode ocorrer por meio de gestos, posturas, desenhos, modelagens ou a música como uma imagem interior de sua fantasia. E desenvolver uma prática psicanalítica com

crianças requer entrar no seu mundo que é essencialmente lúdico e da necessidade de formação desse vínculo de confiança. Este vínculo é fundamental para a eficácia do tratamento psicoterapêutico, assim a criança se sentirá segura e acolhida.

Freud deu um passo importante na compreensão e aplicação da psicanálise com criança quando se debruçou sobre o caso do pequeno Hans, caso que marcou o início do uso da psicanálise como um método para entender e tratar as crianças com conflitos psíquicos infantis. Nesse caso, ele se debruçou sobre a interpretação dos sonhos, percebeu que estes fazem uso extensivo de símbolos e linguagem simbólica, e assim o permitiu elaborar a primeira constituição sobre o aparelho psíquico, como também, perceber a amplitude da memória nos sonhos¹⁴.

Antes de Freud, o termo inconsciente era considerado puramente adjetivo, ou seja, indicava o que não estava consciente, jamais para designar um sistema psíquico e com atividade própria. Freud revolucionou trazendo a concepção de que o inconsciente é como uma parte fundamental da mente humana, dotada de estrutura e funções próprias. O inconsciente é associado ao caos, ao mistério e ao inefável devido a sua natureza oculta e complexa. No entanto, Freud mostrou que, apesar dessas características, o inconsciente é dinâmico e estruturado como um campo de forças, daí o conflito, as barreiras, represamento ou a liberação de energia¹⁵.

A formação do sonho, segundo Freud, é vista como a realização disfarçada de um desejo sexual infantil reprimido. Os sonhos são expressões do inconsciente que utiliza imagens simbólicas para expressar, nessa perspectiva freudiana pode ser estendida ao uso do desenho no processo psicodiagnóstico. Em um dos artigos fica evidente que o desenho ocupa um espaço relevante para a compreensão do psiquismo, pois, assim como na interpretação dos sonhos para Freud, os desenhos manifestam desejos do inconsciente e a interpretação do sonho é uma manifestação dos desejos. Existindo dois níveis de expressão, o consciente que se torna o desejado e, o inconsciente, o complexo¹⁶.

São nas lacunas de manifestação do consciente que encontramos o inconsciente, por isso, consideramos o complexo. Freud chamou de Formações do Inconscientes que são os sintomas, sonho,

ato falho e outros. Apesar de ser notória em Freud uma tendência a interpretar os sonhos de crianças, como manifestação dos desejos, os analistas concebem a semelhança entre a estrutura e a função dos sonhos e dos desenhos¹⁶.

Para Garcia-Roza¹⁵ descreve que até hoje encontramos “descrições” do inconsciente como sendo o lugar da vontade em estado bruto e impermeável a qualquer inteligibilidade. A esse respeito, Lacan declara que o inconsciente de Freud não é de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite. Freud não nos fala de uma consciência que não se mostra, mas de outra coisa inteiramente distinta. Fala-nos de um sistema psíquico — o lcs — que se contrapõe a outro sistema psíquico — o Pcs/Cs — que é em parte inconsciente (adjetivamente), mas que não é o inconsciente.

Para os estudiosos da psicanálise, o fazer psicoterápico se dá pela técnica da transferência, um conceito muito presente nas discussões de Freud. A transferência é um processo pelo qual os pacientes projetam sentimentos e atitudes, que no princípio são dirigidos a figuras importantes da sua infância, seus pais, sobre o psicanalista. Este vínculo possibilita o trabalho terapêutico, fazendo com que o paciente se torne mais acessível¹⁶. Processo primordial para o bom andamento do psicoterápico, ao permitir que conteúdos do inconsciente se tornem acessíveis e possam ser trabalhados na relação terapêutica.

Além de Freud, outros psicanalistas que se dedicaram à psicanálise infantil, como Melanie Klein, uma reconhecida psicanalista austríaca, que se dedicou exclusivamente à psicanálise por volta de 1923. Ela, estruturou a técnica do brinquedo como uma maneira de acessar o inconsciente infantil. Uma de suas demandas foi desenvolver uma técnica que viabilizasse o acesso ao inconsciente, sendo improvável o uso da associação livre. Assim, utilizou o lúdico, a brincadeira, como forma de interpretar a fantasia, as angústias, e outras manifestações do inconsciente de forma simbólica¹⁷.

Anna Freud, filha de Sigmund Freud, ingressou como psicanalista infantil, na década de 1920, acreditava que a criança não deveria ser analisada e sim, o contexto e as relações, pois esses

demarcam os problemas infantis. Ela focou sua atenção na análise do ego e os mecanismos de defesa, o que ajudou a desenvolver a psicologia do ego¹⁸. Já por volta da década de 1930, Donald W. Winnicott foi um psicanalista e pediatra inglês, destacou-se por suas contribuições no trabalho psicoterapêutico com crianças, trazendo a relevância de entender e tratar o psiquismo infantil. Caminhou na direção de explicar o que se passa com um bebê no início da vida.

Já na contemporaneidade surge Françoise Dolto, pediatra e psicanalítica que trouxe inovação e revolução significativas no campo da psicanálise infantil. Dolto⁵, desenvolveu novas perspectivas nesta área focando não só no sintoma da criança, mas se debruçou sobre os desejos dos cuidadores e da própria criança, possibilitando assim a redefinição do sintoma da criança e da estrutura familiar.

Assim, Dolto⁵ argumenta que: “A inibição em uma criança pode chegar a deter seus funcionamentos vitais e seu crescimento. Nosso papel consiste em restabelecer a circulação entre tudo isso. Mas, não certamente em normalizar, o que não quer dizer nada. Consiste sobretudo em permitir que se expressem, e que coexistam em boa inteligência, o imaginário e a realidade, sendo uma contradição que nós todos temos que assumir e que assumimos justamente pela via simbólica, que não é apenas verbalizada. Tudo é linguagem.”

Dolto⁵, com suas concepções inovadoras na psicanálise infantil divergiu de algumas práticas tradicionais, como a associação livre, preferindo utilizar métodos mais adequados ao desenvolvimento e expressão das crianças. Ela utilizava brinquedos, a conversação e o desenho como ferramentas principais em suas sessões psicoterapêuticas. Logo após o atendimento com os pais, a criança passa a fazer as sessões psicoterapêuticas sozinha, e através desses recursos é possível adentrar na representação da imaginação, nos desejos, traumas, afetividades e no simbolismo.

Enquanto se ampliam as investigações sobre o uso do desenho na psicanálise infantil, os autores convergem de que o brincar, o desenhar e o jogar são atividades essenciais na vida infantil e desempenham um papel crucial nas relações interpessoais. Esses recursos são fundamentais na psicanálise infantil porque possibilitará ao psicanalista “escutar” o que vai além do comportamento observável, a

realidade psíquica inconsciente. E sabe-se que, o analista só conseguirá adentrar nesse contexto na transferência, assim possibilitará uma melhor inserção nos sentimentos e dores da criança, que muitas vezes ela não conseguirá expressar verbalmente.

Refletir sobre a emergência do self no desenho infantil, sob a perspectiva da representação mental, implica considerá-lo dentro de imagem que expandem a dicotomia entre interno, externo, mente e corpo. Essa visão permite uma compreensão mais profunda e integrada do desenvolvimento infantil, reconhecendo que o ato de desenhar é uma atividade complexa que envolve processos mentais, emocionais e físicos¹⁹.

Souza¹¹ explicita que, a representação gráfica é uma forma de comunicação de afetos, assim como os sonhos ou o jogo, é uma linguagem a ser decifrada. Sendo relevante considerar que toda produção gráfica é uma forma de acessar o inconsciente, e como potencial para avaliação psicológica e intervenção clínica, ou seja, é uma forma de expressão para obter insights sobre o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, permitindo um entendimento mais profundo de sua psique.

No exame psicológico da criança ou do adolescente, o desenho pode revelar uma valiosa ferramenta diagnóstica, mas também como meios terapêuticos que facilitam informações sobre os sentimentos do sujeito, sua parte psíquica íntima e suas capacidades relacionais. Não há como negligenciar os desenhos infantis como um sistema gráfico que representa seus anseios e dores, e que suas inferências possibilitam ao psicoterapeuta ajudar a criança a criar seu espaço de fala²⁰.

A prática da clínica psicanalítica na perspectiva infantil é articulada nos artigos por meio de uma discussão geral sobre como o desenho pode contribuir no processo psicodiagnóstico da criança. Visto que, o desenho é uma forma de manifestação da realidade, tornando-se um instrumento útil no trabalho com crianças tanto na avaliação quanto na intervenção, constituindo-se como um diálogo entre o processo de simbolização e a exteriorização do inconsciente. As argumentações sobre o fazer psicanalítico, resgata o lúdico como uma representação e comunicação dos processos psíquicos, dos afetos e como hipóteses a serem exploradas individualmente.

Durante o desenvolvimento desta revisão, ficou explícito pelos autores que na clínica psicanalítica o uso do desenho infantil tem um papel importante na psicoterapia. A linguagem gráfica permite que a criança expresse suas representações imaginativas, facilitando a comunicação de seus processos afetivos e cognitivos de maneira direta. Isso não só ajuda o psicoterapeuta a entender melhor os sentimentos e pensamentos da criança, mas também permite que as intervenções terapêuticas ocorram de forma colaborativa e produtiva.

Toda essa discussão vem respaldar o trabalho do psicoterapeuta infantil, e que se compreende que muitos traumas e dores são gerados na primeira infância. Quando se discute acerca da psicanálise infantil automaticamente elucidamos toda uma obra de pesquisas, estudos e teorias desenvolvidas pelos clássicos da psicanálise e por aqueles que pesquisaram sobre a infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nesta revisão permitem concluir que o uso do desenho como recurso é predominante nos artigos científicos sobre como o desenho infantil pode contribuir como uma ferramenta significativa no fazer psicoterapêutico. O desenho, assim como outras práticas expressivas como os sonhos, a modelagem, os jogos e as brincadeiras, auxilia na transformação do inconsciente para se tornar consciente. Através dessas práticas, as crianças podem externalizar e elaborar seus sentimentos e experiências internas.

Aponta-se também a utilização do desenho na clínica psicanalítica como essencial nesse processo de formação do vínculo e transferência. É nesse espaço de transferência que o analista pode interferir e ajudar a criança a entender seus sintomas, percebendo que o ato de desenhar e o produto do desenho, oferece insights valiosos sobre seus desejos, fantasias, medos, traumas e conflitos internos da criança.

Dessa forma, é possível notar que, o lúdico é uma atividade natural e espontânea para a criança, o que facilita o processo de simbolização, transformando

algo tangível e manejável, permitindo ao analista acessar a realidade psíquica. Assim, compreende-se que o desenho é algo inerente à vida infantil e que, por meio dele, a criança encontra uma forma de falar e de manifestar a fantasia. Possibilitando criar, experimentar e expressar, uma linguagem plástica que representa seu mundo muito antes do processo da escrita.

REFERÊNCIAS

1. Winnicott, D. W. (1971). *O brincar & a realidade*. Tradução: José O. A. A. e Vanede N. Imago Editora.
2. Cox, M. (2007). *Desenho da criança*. Tradução Evandro Ferreira. (3. ed.). Martins Fontes.
3. Papalia, D. E. & Martorell, G. (2022). *Desenvolvimento humano* (14ª ed).
4. La Taille, Y. (1992). *O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget*. In: *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. Summus.
5. Dolto, Françoise (1908-1988/2013). *Seminário de Psicanálise de criança*. Tradução Márcia V. M. A. Editora WMF Martins Fontes.
6. Capalbo, Alessander Carregari. *Psicanálise em perspectiva: o uso do desenho como recurso de fala da criança*. 1 ed. Brasília, DF: Ed. do Autor, 2024.
7. Fernandes, B. S. (2006). O desenho como recurso auxiliar em psicoterapia de grupo com crianças. Vínculo [online]. v.3, pp.46-55. ISSN 1806-2490
8. Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6. ed.). Atlas.
9. Mendes, S. S., Jorge, J. C. Ribeiro, M. C. Tomás, E., & Temudo, T. (2022). Uso e interpretação do desenho infantil na prática clínica, 856-858. <http://doi.org/10.20344/amp.18388>.
9. Oliveira, E. & Grubits, S. (2020). Rabiscos e emoções: nova perspectiva sobre o desenvolvimento do desenho.19 (2), 213-221. <https://doi.org/10.15689/ap.2020.1902.12>.
10. Souza, A. S. L. (2011). O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. *Boletim de Psicologia*, 61(135), 209-215. ISSN 0006-5943.
11. Piaget, J. (1971). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho imagem representação*. Tradução: Álvaro C. Christiano M. (3 ed.). Zahar.

12. Motta, C. R., Silva, L. R., & Castro, H. (2010). A psicanálise da criança - um estudo de caso. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, 9(1). ISSN 1677-5090.
13. FREUD, S. (1910/2005). Cinco lições de psicanálise. Tradução de Durval M. e J. Barbosa C. Revista e modificada por Jayme S. Editora Nova Cultural.
14. Garcia-Roza, L. A. (2009). Freud e o inconsciente. (24.ed.). Jorge Zahar Ed.
15. Hermes, A. I & Silva, J. C. (2017). Simbologia do desenho na infância: um olhar psicanalítico. *Boletim EntreSIS*, 2(1), 52-65. ISSN 2526-8961
16. Oliveira, M. P. (2007). *Melanie Klein e as fantasias inconscientes*. Winnicott e-Prints, V. 2, nº2.
17. Fontoni, M. R. & Fulgencio (2020). Anna Freud: uma desenvolvimentista quase esquecida. *Estudo de Psicanálise*. Estudo de Psicanálise, nº 53,129-142.
18. Silva, N. M. V. & Vasconcelos, A. N. (2013). O self dialógico no desenho infantil. *Psicologia: reflexão e crítica*, 26(2), 346-356. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000200015>
19. Vinay, A. (2024). O desenho no exame psicológico da criança e do adolescente. Tradução Rosemary A. Editora Vozes.